



Isabel Coixet na inauguración da súa mostra no cárcere da Coruña.

AMADOR LORENZO

CINEMA.

Guerrilheiros
do cinema,
delinquentes
da arte**(S8) 1ª Mostra
de Cinema Periférico****Lugar:** Antigo Cárcere Provincial
da Coruña.**Datas:** Do 3 ao 6 de junho.

Entre o 3 e o 6 de junho celebráronse no antigo cárcere provincial da Coruña dous acontecementos simultáneos: por unha banda tivo lugar a *(S8) 1ª Mostra de Cinema Periférico*, que nos descubriu outras maneiras de fazer cinema e outros formatos de creación; e pola outra abriuse á cidadanía esse tétrico lugar de repressom. Nom sei qual dos dous acontecementos foi mais importante, do mesmo modo que nom sei que porcentaxe das visitas entravam no recinto atraídos mais polo edificio, polo continente, que polo contido do festival. Abondava escoitar as con-

versas nos corredores para decatarmos do numerosa que era a gente que conhecia o cárcere por dentro bem como prisioneiros bem como parentes das persoas detidas. Ali foi executado o guerrilheiro Foucellas e ali estiveron detidos e detidas, décadas despois, militantes do EGPGC. A relación entre o continente e o contido adquiriu matices irónicos durante a proxección dumha retrospectiva do artista e militante antifascista Eugenio Granell quando soubemos que o seu irmao Mario estivera encarcerado ali mesmo. A instalación *Cela 11*, de Ánxela Caramés e Ramón Santos, dava conta do lúgubre pasado do cárcere.

A mostra pudo parecer a primeira vista pouco compacta e em excesso subjectiva. Mas assi tinha que ser: nom se tratava tanto de fazer un repasso histórico como umha primeira sondage que permitisse albiscar a riqueza cinematográfica que se agocha tras os formatos e os géneros comerciais. A variedade de contidos ficou reflectida na variedade de projectores: o 8mm compartia espaço co sú-

per 8 (que lhe dá nome à mostra), co 16mm e co 35mm. E a todo isto há que engadir os formatos betacam e DVD para as peças criadas em vídeo ou para aquelas feitas em celuloide mas que por problemas de distribución ou conservaçom nom pudérom ser projectadas no formato original (como foi o caso dos súper 8 de Iván Zulueta).

**O cinema
tamém se
expandiu no
antigo cárcere,
rompendo
a tradicional
relaçom entre
público
e pantalha”**

aco Gustav Deutsch, cujo letrero final (“continuará”) serviu de anúncio para a mostra do vindeiro ano (esperemos que as leis do mercado e da política nom o impidam). Polo meio, e co ruído dos projectores sempre presente, umha divertida sessom dedicada ao súper 8 (com David Domingo) e obras em 16mm como a recuperada *Inxilio* de Trinidad Aguirre.

Mas o cinema tamém se >>>

>>> expandiu no antigo cárcere, rompendo a tradicional relación entre público e pantalha. Por um lado estavam as instalações de María Cañas, a já mencionada *Cela 11* e as *Derrotas* de Xurxo Chirro, descartes a cinco pantallas dumha obra em curso que, baixo o título de *Vikingland*, está destinada a converter-se num referente do audiovisual galego. Por outro, actuaçons em 16mm como *Pie Pellicane Jesu Dominae*, do estadounidense Bruce McClure, umha obra feita a reboque das Nervous System Performances de Ken Jacobs na que a imaxe se produce em presente na pantalha (é dizer, nom existe umha película que recolha o que os nossos olhos vem) por meio da utilizaçom de tres projectores manipulados: a variaçom de foco, intensidade da luz e velocidade de proxeçom, assi como a utilizaçom de destellos, provocárom na pantalha umhas imaxes fantasmagóricas e psicodélicas que hipnotizárom ao público. No mesmo pátio pudemos desfrutar do humor e irreverência de Trash entre amigos: utilizando como base a hilariante (em contra da sua intençom) *El ataque de los muertos sin ojos*, os comentários em directo da equipa de Trash entre amigos potenciavam o humor latente da película de Amando de Ossorio. Este tipo de intervençom é algo que já fazia, com bastante melhores resultados, Ernesto Díaz-Noriega, ao que se lhe dedicou umha ampla retrospectiva. *Manuscrito encontrado en la Zarzawela* é o *Nosferatu* de Murnau sonorizado por Noriega. Os diálogos convertem a película de terror numha simpática crónica da mal chamada Transiçom española. As sonorizaçons de Noriega bebem do espírito situacionista do René Vietnet de *La dialectique peut-elle casser des briques*, película de artes marciais à que o autor engade, neste caso por meio de legendas, cómicos diálogos de contido marxista revolucionário.

Todas estas propostas servírom para oferecer umha visom desse outro cinema que se fixo e se está a fazer polo mundo e por

Galiza, e tamém serviu de ponto de encontro para todos os que se saltam as normas, guerrilheiros do cinema como Antoni Padrés ou delinquentes da arte como María Cañas. Mas o que quicá um mais agradeza seja a recuperaçom e nalgum caso estrea de obras galegas até agora completamente desconhecidas. Após a Mostra de Cinema Periférico um nom pode pensar no cinema galego sem lembrar a desesperada *Inxilio* ou a intensa *Emética* (Pedro Comesaña) ou a irónica *Represión* (Juan Cuesta) ou a sonorizaçom dum fragmento do *Acorazado Potemkin* (Suso Montero) ou as já citadas intervençons de Díaz-Noriega. Delas desfrutamos como público. Agora comeza a hora de distribui-las e reivindicá-las para essa sempre esquecida história do cinema galego. ●

Alberte Pagan